

Nesta

A BORBOLETA

Orgam litterario

RÉDACTORES : Henrique F. F. G. de Macedo e Quintino F. G. de Macedo

Anno I — S. Paulo, 13 de Maio de 1898 — Num. 6

GERENTE

JOAQUIM T. CARVALHO

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

(Para a Capital e Interior)

Anno	7\$000
Semestre.	4\$000
Trimestre	2\$500

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Alto da Moóca, 196—S. Paulo.

A Borboleta publicar-se-á quinzenalmente.

As assignaturas são pagas adiantadamente.

Não se restituem os authographos.

Tiragem 500 exemplares



13 DE MAIO

O DIA 13 de Maio, como todos os grandes factos sociais não foi uma obra do acaso, uma obra de momento, foi uma conquista social e cono tal, teve uma grande elaboração. — foi uma resultante da fatalidade da melhora humana, do progresso social: foi obra dos grandes apóstolos da liberdade, dos oradores, do jornalismo, — em-

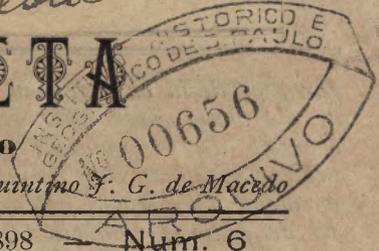
fim, dos patriotas através dos tempos.

E obra de José Bonifacio, o Velho, que em 1823, apresentava á Assembléa Constituinte uma representação sobre a necessidade do grande facto — hoje lei.

E obra do deputado Ferreira França em 1832, é obra de Eusebio de Queiroz em 1850, é obra de Luiz Gama em 1817, é obra de Luiz Gama, de Ruy Barbosa, Antonio Bento, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e tantos outros, heróes obscuros, mas igualmente benemeritos.

O 13 de Maio é obra de todos nós, obra de todos os brasileiros, — não da monarchia, que nada fez, que nos atrazou, deprimiu, enfraqueceu, desmoralizou-nos, fazendo de nós uma China, — China que ainda somos, desgraçadamente, isto é, um prolongamento da monarchia bragantina, de que a republica que sonhamos e havemos de ter nos ha de libertar.

Nós como patriotas brasileiros, não devemos deixar passar despercebido o dia 13 de Maio, pelo menos aquelle que nos honra aos olhos do estrangeiro, aos olhos do mundo, — porque é a reparação, é verdade, mas completa e sem o aggravante do odio de raça, que aqui não existe, como nos Estados-Unidos da America do Norte, onde o negro era lynchado, como o mais vil dos brutos, — porque é a re-



paração, dizia eu, de um erro, de um crime quatro vezes secular, o crime da escravidão; sim, é talvez o maior dia da historia nacional, da historia patria, o dia 13 de Maio, porque elle representa o triumpho da Justiça sobre a Tyrannia, da Razão sobre o Preconceito, da Liberdade sobre o Azorrague! porque é uma data memoravel sem mancha nenhuma infelizmente ao contrario da independencia, mas independencia imperial, porque a independencia nacional já estava feita com a Independencia Mineira, com o exemplo das 13 colonias inglezas, hoje Estados-Unidos, com o exemplo das republicas do Prata, com o exemplo do Mexico, com o exemplo de toda a America: já estava feita com a transmigração da familia real para cá em 1807; já estava feita com o espirito nacional que despertava como Hypólito da Silva Pereira com o Correio Braziliense que elle dirigia em Londres; já estava feita no espirito de todos os observadores imparciaes, que a previam fatal, que a viam no animo popular, na alma de todos os brazileiros; já estava feita, mesmo na conquista de D. João VI e no instincto ambicioso, hypocrita e ingrato de seu filho, Pedro, mais tarde D. Pedro I; estava feita na alma de José Bonifacio, do venerando Paulista, do Patriarcha da Independencia, sempre sincero, sempre grande, sempre digno; sim, estava feita a Independencia Nacional, completou-se e realizou-se a 7 de Setembro de 1822, na colina do Ypiranga, porque nesse dia o espirito nacional se impoz a D. Pedro I, o ambicioso, o aventureiro, o hypocrita, o renegado;

é porque nesse dia os brazileiros julgavam ficar livres da dominação portugueza, e festejavam sua liberdade, embora illudidos, como um príncipe traidor, o irmão Caim, o filho Absalão da casa bragantina, Caim de D. Manoel, Absalão de D. João VI.

Nós fizemos a abolição com flores e os Estados-Unidos com dores... Lá, Lyncoln, no fim da lucta foi apunhalado; aqui, se Luiz Gama e José Bonifacio, o Moço, morreram sem ter realizado seu ideal, ainda existem Antonio Bento, José do Patrocínio e muitos outros.

Aqui continuou não houve vencidos,—houve confraternisação; a abolição, como a Republica, era ideia vencedora na consciencia nacional, e a sua objectivação practica, social e politica era questão de mais ou menos tempo, como o demonstraram os factos posteriores.

Nos Estados-Unidos, irmãos bateram-se contra irmãos, numa luta portentosa, a mais extraordinaria, gigantea e grandiosa das luctas intestinas contemporaneas, como pensa Gladstone.

Aqui, a lucta, mas a lucta nobre e incruenta da palavra e da penna, começou com o 28 de Setembro e ultimou-se em flores e risos, sem um protesto sequer, sem odio, sem dor!—o 13 de Maio.

Lá, milhares de homens, bateram-se contra milhares de homens, durante um quinquennio terrível, quinquennio da successão.

Aqui, a lucta começou na independencia, com José Bonifacio, o Velho, ou se o quizerem com o padre Manoel Ribeiro da Rocha, mas terminou na mais soberba festa nacional de que reza a chronica do civismo brazileiro, no ap-

*plauso, na apothese incruenta de
13 de Maio! o dia da epopéa do
Brazil democratico e civilizado.*

*Brazileiros! grave com letras
de ouro esta grande data, este dia
memoravel, que jamais deve afas-
tar-se dos nossos corações.*

JOAQUIM T. CARVALHO

SOL E TREVAS

D. MARIA EUGENIA MOTTA MELLO

MEIO-DIA. Na estrada, batida pelo ar-
dor do Sol, sobem ao ar nuvênzitas
de poeira e as borboletas com seu agitado
bater de azas quebram a monotonia do es-
talido das folhas seccas e misturam o seu
lindo azul-claro com o verde intermi-
navel da floresta.

Uns fios prateados desprendem-se do rei
da luz e filtram-se no labyrintho da folha-
gem, reflectindo-se nas luzidias folhas do
laranjal florido; e como inspirado pôr tan-
ta poesia, um sabiã entôa um hymno cheio
de ventura e de harmonia, que resôa no
matagal, animando os outros garrulos pas-
sarinhos a saltarem de ramo em ramo e a
banharem-se na branca luz do sol.

Do outro lado da estrada, o olhar perde-se
pela campina, onde um velho boi ruma
deitado, perto de uma casinha branca, con-
trastando com a verdura do campo.

Ao longe, bem longe, a voz rustica de
um roceiro, vibra com força uma cantiga
cheia de accentuações doces e doloridas que
fazem lembrar a magua do exilado.

Por detraz do matagal sombrio desappa-
rece o sol e cóam-se ainda pelas folhagens
uns raios côr de purpura e sem o calor
daquelles subtis e prateados fios do
meio-dia.

Na estrada a brisa fresca faz vôar as
folhas seccas e amarelladas e bate na face

trigueira do tropeiro que passa com a ca-
valhada rumorosa.

E a noite vem pouco a pouco cobrindo
com o véo das trevas a terra e com o véo
da tristeza aos corações cheios de esperanza.

E onde ha pouco havia luz, agora ha ne-
gruras; não se cóam mais na folhagem os
raios cor de purpura.

BRENNO MUNIZ DE SOUZA.



Guerra de Canudos

(FRAGMENTO)

E' dia! é dia! A natureza immensa
Palpita, freme, de alegria e festa:
Em quanto bravos, em peleja intensa
Em quanto jovens na região funesta
Morrem lutando contra a infausta crença,
Que a nossa patria infamemente infesta
— Ganhandó dôres, a desgraça e a morte,
Além, além, lá nos sertões do norte!

— Vingar a patria ou morrer por ella!
Eis! eis, o brado, que essa forte gente,
No peito leva: oh! patria, patria bella!
E marcha... marcha, a legião valente
Para vingar a patria á quem aquella
Infame seita vêm bater demente;
Em quanto corre a tão feroz cohorte,
Além, além, lá nos sertões do norte.

Repetem êchos, dos clarins vibrantes,
As fortes notas que pelo ar resoam:
Repetem êchos, dos canhões brilhantes
Os sons dos tiros que pelo ar retroam...
Choram crianças os seus paes distantes,
Em quanto as balas nas tampanhas vôam,
Matando o moço, o velho, o fraco e o forte,
Além, além, lá nos sertões do norte.

Bravos soldados, pelo chão tombavam;
Mas os restantes, desprezando o imigo,
Com a sua arma em punho lá lutavam!
Outros no chão necessitando abrigo,
Despedaçada e rota a carne, estavam
A's portas da morte, co'a vida em p'rgo,
Abandonados, maldizendo a so'te,
Além, além, lá nos sertões do norte!



Oh! quantos jovens, de esperanças cheios,
 Já não morreram, bravos se batendo!
 Oh! quantas mães com offegantes seios,
 Esperam por seus filhos,—que vivendo,
 Ha muito já não estão!— Oh! que anseios,
 Não sentirá a esposa, triste, vendo
 Morrer, morrer, o seu gentil consorte,
 Além, além, lá nos sertões do norte!!!

Vingai, vingai nossa patria oh! guerreiros!
 Avante, avante que vós sois temidos!
 Vingai, a nossa patria, oh! Brasileiros!
 —Musa, silencio!

Não ouvis gemidos,
 Além, nos campos dos sertões fronteiras?!
 — Silencio!

—São os prantos dos feridos,
 Que se bateram desprezando a morte,
 Além, além, lá nos sertões do norte!

QUINTINO MACEDO.

O CONDOR

SOBRE os picos coroados de neve, que
 ostentam-se garbosos no horizonte, o
 condor tipha seu ninho.

Amanheçera.

Na raiz da cordilheira o mar encoleri-
 sado, bramia furioso, quebrando suas rapi-
 das ondas, de encontro aos rochedos.

O condor e gheu a cabeça calva e con-
 templou das alturas o sol que nascia.

No imenso leqol de neve branco e
 immaculado, um indio caminhava triste e
 pensativo guiando um viajante que se havia
 perdido naquellas solidões.

O condor levantando o voo das agudas
 cumiadas dos Andes, estendeu suas azas
 magestosas pelas alturas do espaço.

O indio, rapido prepara a setta; o con-
 dor, porém enverga altivo as grandes azas
 e desaparece por momentos entre as nuvens.

No alto da cordilheira havia um ro-
 chedo, muito mais elevado que os outros;
 era ali que o condor vinha repousar depois
 do longo voo.

Zil-o!

Ali jaz immovel como se fosse talha-
 do em pedra!

Ali o rei das nuvens acha-se em sua
 throno, tendo por pedestal, a cordilheira
 Andiná, por docel, o firmamento!

HENRIQUE MACEDO.

Tem 100 réis?

E UMA calamidade a falta de trocos em
 S. Paulo.

Os que moram nos arrabaldes e são
 obrigados a ir constantemente ao centro da
 cidade são os que mais soffrem.

Embarca-se em um bond, dá-se uma
 nota de 500 réis e o conductor exclama,
 mostrando dois nickels de 200;

— Tem 100 réis?

— Não.

Dá elle então 200, e diz que no Largo
 do Rosário dá o resto.

Si houver necessidade de saltar antes,
 o troco está perdido.

Como tenho a infelicidade de morar
 longe do centro, e já os conheço vou mu-
 nido do meu nickel.

Embarço no bond, dou meus 500
 réis, e...

— Tem 100 réis?

— Tenho! exclamó victoriosamente mos-
 trando meu tostão.

Elle lança-me um olhar feroz, pois que
 faço-lhe perder dois, um meu e outro que
 tem que dar ao passageiro, que me ficar
 mais proximo.

Ha dias passou-se um caso interes-
 sante: entrou no bond um sujeito, que tinha
 sido conductor, e foi sentar-se perto de um
 seu conhecido, pondo-se os dois a discutir
 calorosamente.

Nisto chegou o cobrador, para receber
 a passagem.

O antigo conductor, vendo aquelle braço
 estendido para elle, reclamando alguma
 coisa, exclamou instinctivamente:

— Tem 100 réis?

JOSÉ GUTIERREZ.

O BEIJO

INCO saudosas hadaladas acabavam de soar na modesta igrejinha que alvejava num pequenino outeiro á entrada da aldeia.

Começara o alvorecer.

Instantes depois ouviu-se as ultimas notas da harpa, talvez de algum apaixonado feliz, acompanhadas de uma voz cantante, cheia d'amor e repassada de doçura. Dizia assim :

« Adoro Alice,—da minh'alma o encanto,
« O perfumoso balsamo, o amaryllis
« Angelical e doce do meu peito. »

Essas palavras e aquellas notas foram se perder ao longe... muito ao longe, levadas pelo zephyro subtil e fagueiro que ciciava por entre a folhagem, e embalava os calices das flores donde cahiam as gelidas e diaphanas gotas matutinas.

A lua, pallida e grave, ganhava vagarosamente para o lado as trevas : e as estrellas desmaiavam no oriente emquanto que no occidente conservavam seu luzente brilho.

No arvoredado a passarada feiticceira cantava hymnos alegres com que saudava o acordar da natureza.

Das chaminés das fabricas já sahiam grossas columnas de fumo, que gyravam no espaço.

Sentado á porta da sua habitação, com uma harpa ao lado, sobre a qual se apoiava com o braço direito, um mancebo scismava...

Instantes depois, passou, por deante de si, uma morena e linda menina «d'olhos e cabellos negros». Não o viu : mas elle a reconheceu, por certo, porque deixou escapar esta exclamação numa voz cheia d'amor, repassada de doçura :

— Alice !...

A menina voltou seu lindo rosto corado por longas e negras madeixas que voavam á brisa...

— Horacio !...—ouviu-se dizer.—

E num arroubo, os dois namorados fizeram repercutir pela immensidão o som dum ardente, ruidoso e prolongado beijo...

O sol havia despontado magestoso, fulgurante, carminando as nuvens que de quando em quando se encontravam no puro azul celeste, e remontava lentamente a abóboda, ofuscando os astros e derramando, gradualmente mais fortes, torrentes de luz e calor.

As trevas nocturnas haviam invadido os espaços.

O silencio era apenas entrecortado por uma voz cheia d'amor, repassada de doçura, que cantava ao som duma harpa :

« Adoro Alice,—da minh'alma o encanto
« O perfumoso balsamo, o amaryllis
« Angelical e doce do meu peito. »

P. SOARES.

TARDE...

A. B. MUNIZ.

É tarde, muito tarde, todos dormem...
Vai tambem o meu pranto repousar,
Pois Deus, sendo indulgente e compassivo,
Ha de um martyr d'amor recompensar.

É tarde, muito tarde, sou sozinho
Pensativo a scismar no quisto bem ;
Teu nome, tua voz ouço no espaço,
Tua'imagem surgindo vejo além...

Uma noite sou : tudo é silencio,
Uma nuvem, siquer, se vê no céu ;
A noite é mais escura que um sepulchro,
Calma a cidade como um mausoléo.

Agora jaz a propria natureza
Nos braços do silencio dormitando ;
Não se ouve o sussurrar da ventania
Nem a brisa entre as folhas ciciando...

P. SOARES.

PUBLICAÇÕES

Recebemos as seguintes :

O n. 52 do *Jornal Mineiro*, semanario politico, litterario e noticioso, que se publica em Ouro Preto.

Os ns. 22, 23 e 29 d'*O Estudo*, de Taubaté. Traz bons artigos litteraricos.

Os ns. 7, 8, 9, 10 e 11 d'*A Penna*, que se publica em Maceió.

Os ns. 19 e 20 d'*O Boi*, desta Capital.

Os ns. 4 e 5 do *Athleta*, organ do Club Caixeiral Porto Alegrense.

Os ns. 27, 28, 30, 31 e 32 d'*A Violeta*, de Taubaté.

Os tres ultimos numeros trazem o formato augmentado, razão pela qual enviamos as nossas felicitações á sua digna Redacção.

Os ns. 27, 30, 31, 32 e 33 das *Leituras Religiosas*, da Bahia.

Os ns. 1 e 3 d'*O Invisivel*, organ humoristico que encetou a sua publicação ao dia 27 de Março nesta Capital.

Desejamos-lhe longa vida.

Os ns. 216 e 217 d'*O Futuro*, bem redigido semanario, que vê a luz em Laguna, (Estado de Santa Catharina).

O n. 10 d'*O Tempo*, que se publica nesta Capital. Traz leitura variada.

O n. 3 d'*A Thesourá*, folha litteraria, critica e noticiosa, de D. Pedrito.

O n. 81 d'*A Noticia*, tambem de D. Pedrito.

Os ns. 123, 129 e 130 d'*O Cachoeirense*, organ republicano de Santo Antonio da Cachoeira.

O n. 2 e 3 d'*O Vento*, de Taubaté.

O n. 29 d'*O Debate*, de Jaboticabal. É seu director o sr. Antonio de Castro.

Os ns. 23 e 25 d'*O Colibri*, folha semanal que se publica no Livramento.

Os ns. 5, 7 e 8 d'*A Lyra*, de Caçapara. Traz boa litteratura.

O n. 11 d'*O Conselho*, desta Capital.

Traz o retrato de Julio Ribeiro, e uma poesia do nosso Redactor Quintino Macedo.

O n. 4 d'*O Bêbê*, de Taubaté: apresenta-se tambem com o formato maior. Felicitações.

Os ns. 12, 13 e 14 do *Cruz Alta*, que se publica em Cruz Alta.

O n. 3 d'*A União*, organ da classe typographica do Recife.

A *União*, além de ser impressa em papel superior, contém oito paginas, e muito boa litteratura.

E' seu Redactor Chefe, o distincto moço João Ezequiel.

Os ns. 1 e 2 d'*A Estréa*, de Fortaleza. Desejamos ao novo collega, longa vida.

O n. 1 d'*O Ezequiel*, do Recife.

O *Ezequiel*, é uma polyanthéa organisa da pela classe typographica pernambucana, em homenagem ao anniversario do Redactor Chefe d'*A União*, sr. João Ezequiel.

O n. 2 d'*A Carapuça*, pequena folha critica, satyrica e noticiosa que vê a luz em Maceió.

Agradecidos, permutaremos.

PASSATEMPO

Decifrações dos Problemas passados :—Feno—Pharol—Seda—Seraphim—Portento—Carioca—Genebra—Sophia—Hippopotamo.

CHARADAS

- 1.^a—Enerespa no corpo o calafrio—4, 3.
- 2.^a—Mulher, mulher, mulher, 2, 2.
- 3.^a—As direitas e ás avessas, mulher,—3.

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a raiz de um homem ?

NOTA

Toda a correspondencia relativa a esta Secção deve ser dirigida ao

PERES.

Aos Nossos Assignantes

Terminando com o presente numero as assignaturas do 1.^o trimestre, pedimos a todas as pessoas que quize em continuar como assignantes, o obsequio de nos enviarem a importancia da assignatura do 2.^o trimestre, visto ser esse o unico recurso com que contamos.

